

Antologia de julianahoffmannliska



Apresentado por

Meu Lado Poético 

Dedicatã³ria

Dedico de corpo, alma e coração ...

*Que ressoa a minha alma para todos que aprecia a arte da escrita e em especial a amores que
atravessam o tempo.*

Agradecimentos

Agradeço a todos que estão aqui presentes.

Sobre o autor

Juliana Hoffmann Liska é uma autora, letrista e poeta brasileira, nascida no sul do país, cuja escrita atravessa o tempo, a memória e a emoção.

Aos 33 anos, constrói uma obra marcada pela sensibilidade, onde a palavra não apenas descreve — ela sente. Sua produção reúne poesias, crônicas, cartas e narrativas que dialogam com o passado, frequentemente evocando épocas como 1889, criando universos onde o amor, a saudade e o tempo coexistem de forma quase espiritual.

Com forte inspiração na natureza sulista — ventos, campos, mares e silêncios — sua escrita carrega uma identidade regional que se mistura ao universal, tornando suas histórias íntimas e ao mesmo tempo atemporais.

Além de poeta, Juliana também atua como letrista e jornalista digital, explorando diferentes formas de expressão e utilizando a escrita como refúgio e forma de compreender o mundo e a si mesma.

Seus textos frequentemente abordam:

o amor que atravessa épocas
a saudade como presença viva
a natureza como memória emocional
personagens que habitam entre o real e o imaginário

Sua obra não se limita ao presente — ela caminha entre séculos, como uma voz que ecoa de outras vidas, outros tempos, outros amores.

Essência da autora

“Escrever, para Juliana, não é apenas criar —
é lembrar de algo que a alma nunca esqueceu.”

resumo

Veneza, 1879

Marcella às Rosas de August

ETERNA NO SEU AMOR

Peito silencioso e morno

Carta do Umbral (August, 1889)

Alma na Neblina — Rosa Marcella

Umbral de August — 1889 penhasco que grita a alma - o ultimo beijo de August

Cem Anos de Silêncio

Maio de 1886.

Aves 1889

Rosas em Espinhos — Fronteiras do Oeste

muralhas e distância

O mar adormecido em beijo

Veneza, 1879

Sob a lua cheia que desfia prata nos canais,
um silêncio antigo repousa nas pedras úmidas,
e os barcos ? lentos, quase sonhos ?
deslizam como segredos entre pontes cansadas.

Há música no ar, mas ninguém a vê,
talvez um violino esquecido em alguma janela,
ou o próprio coração da noite
batendo baixo, chamando por nós.

Te encontro ali, onde a água hesita
em ser reflexo ou profundidade,
teu olhar acende lanternas invisíveis
e faz da escuridão um lugar habitável.

As gôndolas passam como promessas,
e cada remada escreve um verso
que não ousamos dizer em voz alta ?
mas que sentimos inteiro.

Quero te amar assim:
como quem se perde de propósito,
como quem atravessa a névoa
sem saber se há margem do outro lado.

E voltar...
voltar até o fim de mim,
onde já não sou só ausência ou caminho,
mas tudo aquilo que tua presença inventa.

Se o tempo nos chamar de volta,
que seja devagar, como esses barcos,
para que o amor permaneça suspenso
entre o instante e o eterno ?

como Veneza sob a lua,
em 1879,
ainda intacta dentro do sonho
eu, você e a lua.

Marcella às Rosas de August

Há um jardim que só floresce quando penso em ti,
e nele, August, teu nome repousa
como orvalho sobre pétalas que ainda tremem de saudade.
Escrevo às tuas rosas ?
essas guardiãs silenciosas do teu perfume ?
como quem confessa à terra
o segredo de um amor que não coube no tempo.
Cada rosa carrega um sopro teu,
um gesto, uma nota esquecida no ar,
como se teus dedos ainda tocassem o invisível
e as melodias caíssem do céu
em flechas de luz sobre meu peito.
Ah, essas flechas...
ferem sem ferir,
iluminam minhas noites
e transformam minhas lágrimas
em pequenos rios de brilho.
Choro, sim ?
mas são lágrimas que sabem teu nome,
que deslizam suaves como violinos distantes
e se perdem no silêncio
onde tua ausência ainda canta.
Diz às tuas rosas, meu amor,
que não deixem o vento levá-las,
pois nelas deposito minhas palavras
como quem entrega o coração ao impossível.
Se um dia passares por esse jardim invisível,
recolhe uma pétala caída ?
sou eu, Marcella,
desfeita em amor,
eternizada naquilo que não morre:
a lembrança do que fomos
sob a luz que ainda nos atravessa.

ETERNA NO SEU AMOR

Perdi-te há cem anos ?
ou foi o tempo que nos perdeu
no véu silencioso da eternidade?
Desde então, caminho entre sombras suaves,
onde a morte não é fim,
mas um corredor longo
onde tua ausência ecoa como um sussurro sem resposta.
Despedi-me de ti sem saber
que era despedida.
Teus olhos ainda guardavam o dia,
enquanto os meus já pressentiam a noite.
E parti...
ou talvez tenha ficado
presa no instante em que teu nome
se tornou eterno dentro de mim.
Há um amor que não morre ?
apenas muda de morada.
Deixa o corpo,
abandona o toque,
mas permanece...
como um vento que não se vê,
mas nunca deixa de existir.
Cem anos, meu amor...
e ainda te encontro
nos intervalos do tempo,
nos sonhos que não envelhecem,
nas lembranças que recusam o esquecimento.
Se a morte nos separou,
foi apenas no que é visível.
Pois naquilo que é eterno,
seguimos ?
lado a lado ?
em silêncio,

em saudade,
em um amor que nem o tempo ousou apagar.
E quando o véu finalmente cair,
e o tempo deixar de nos esconder,
hei de te reconhecer ?
não pelo rosto,
mas pela eternidade
que ainda pulsa em nós.

Peito silencioso e morno

Te espero ? mas já não como antes,
não na pressa ingênua de quem acredita no retorno,
te espero como quem guarda um tempo inteiro
dentro do peito, silencioso e morno.

Augusto, 1889 ainda respira em mim,
como um relógio que nunca aceitou parar,
e agora, em outro tempo, cada segundo que passa
é mais uma forma de te lembrar.

Eu te guardo nas coisas pequenas:
no vento que dobra a cortina ao entardecer,
no som distante de um trem que passa,
no vazio que insiste em não te esquecer.

Te espero ? mas aprendi a existir na ausência,
a caminhar com tua falta ao meu lado,
como se fosses sombra e memória,
como se nunca tivesses partido.

Há dias em que dói como despedida recente,
outros em que és quase um sonho distante,
mas em todos, sem exceção,
te quero ? inteiro, constante.

E se o tempo é esse abismo entre nós,
ainda assim me atrevo a atravessar:
com lembranças, com saudade, com tudo que fomos,
porque amar também é saber esperar.

E eu espero.

Mas te guardo no meu olhar.

Carta do Umbral (August, 1889)

Minha luz...
se o tempo ainda tivesse mãos,
ele já teria me levado para longe de você.
mas eu permaneci ? não por força...
por amor.
aqui onde estou, não existe dia nem noite,
apenas lembranças que respiram.
e em cada uma delas...
você vive.
eu te vejo como naquele trem,
como naquele instante em que nossos olhares
se reconheceram antes mesmo da vida permitir.
dizem que devo partir,
dizem que devo seguir a luz...
mas que luz existe
se não for você?

Alma na Neblina — Rosa Marcella

Alma na Neblina ? Rosa Marcella

No lamento do mar, minha alma se perde,
em ondas que choram aquilo que não se esquece.

As lágrimas caem no oceano infinito,
e o sal da saudade é tudo que permanece.

Teu nome ecoa na brisa que passa,
como um sussurro que insiste em ficar.

Rosa Marcella, na névoa escondida,
és sombra viva que aprendi a amar.

Há uma dor que não grita, só pesa,
como âncora presa no fundo do ser.

E mesmo que o tempo leve os caminhos,
há amores que nunca aprendem a morrer.

Na neblina fria, te busco em silêncio,
nos véus do passado que o mar não levou.

E em cada onda que beija a areia,
é tua lembrança que ainda me chamou.

Se foste partida ou sonho distante,
não sei dizer o que o destino traçou...

Só sei que no fundo deste oceano,
minha alma por ti... nunca se afogou.

Umbral de August — 1889 penhasco que grita a alma - o ultimo beijo de August

Umbral de August ? 1889

No penhasco onde o vento não pede permissão,
August permaneceu entre dois mundos ?

o da carne que ainda lembrava
e o da alma que já começava a partir.

O mar abaixo não era apenas água,
era um espelho profundo
onde o amor sangrava em silêncio.

Rosa Marcella...

Teu nome atravessava o ar
como um sino distante,
como a última coisa que ainda fazia sentido
antes do vazio.

Há uma dor que não grita ?
ela escorre.

Escorre pela alma
como sangue que ninguém vê.

E ali, naquele limite entre o céu e o abismo,
August compreendeu:
amar é também morrer um pouco antes do fim.

O adeus não veio em palavras.

Veio em suspiro.

Um sopro leve, quase invisível,
como se o próprio espírito hesitasse
em abandonar aquilo que ainda amava.

E quando o corpo cedeu ao destino,
não houve queda ?

houve dissolução.

Como se ele se tornasse neblina,
como se o mar o recebesse
não como morte...

mas como retorno.
As águas lavaram não o corpo,
mas a dor.
E por um instante eterno,
tudo ficou em silêncio.
Exceto...
Ao longe, uma igreja.
Os sinos tocavam.
Não por celebração,
mas por ausência.
Não havia noivos.
Não havia promessas.
Apenas o eco de um amor
que não chegou a viver o seu futuro.
Rosa, em algum lugar entre o visível e o esquecido,
sentiu.
Sentiu o romper invisível
de algo que nunca deveria ter sido separado.
E chorou ?
não com lágrimas humanas,
mas com o peso de uma eternidade vazia.
Porque há amores que não terminam na morte.
Eles atravessam.
Ferem.
Persistem.
E continuam sangrando na alma
mesmo quando tudo o resto
já se calou.
No umbral entre mundos,
August ainda chama.
E Rosa...
ainda escuta.

O Último Beijo de August ? 1889

Havia um silêncio diferente naquela tarde,
como se o mundo soubesse...
e decidisse não interromper.

August estava ali,
com o coração pesado de eternidade
e os olhos cheios de um amor
que já não cabia no tempo.
Rosa Marcella tremia em frente a ele ?
não de frio,
mas de pressentimento.
Há despedidas que chegam antes das palavras.
? Fica... ? ela sussurrou,
mas a voz não tinha força para mudar o destino.
August não respondeu de imediato.
Apenas a olhou como quem grava
cada detalhe na alma.
O vento soprou entre eles,
levando embora o que ainda restava de coragem.
E então...
ele se aproximou.
Não com pressa,
não com desespero ?
mas com a delicadeza de quem sabe
que aquele instante seria o último.
Seus dedos tocaram o rosto de Rosa
como se tocassem algo sagrado.
E quando seus lábios se encontraram...
o mundo parou.
Não havia mais penhasco,
nem tempo,
nem medo.
Só aquele beijo.
Um beijo que carregava tudo ?
o que foram,
o que sonharam,
e tudo o que nunca seriam.
Havia lágrimas misturadas,
havia saudade antes mesmo da perda,
havia amor demais para um único adeus.

E naquele encontro de almas,
August se partiu por dentro.
Porque ele sabia.
Sabia que aquele beijo
não era apenas despedida ?
era permanência.
Quando se afastou,
Rosa ainda o segurou pelo tempo de um suspiro.
Mas o destino não espera.
E há caminhos
que se percorrem sozinhos.
August deu um passo para trás.
Depois outro.
E mesmo distante,
seus olhos ainda estavam nela
como quem nunca aprenderia a partir.
? Em outra vida... ? ele disse baixo.
Mas nem a esperança conseguiu terminar a frase.
O vento levou.
O momento quebrou.
E o último beijo ficou suspenso no ar,
como uma promessa que o tempo não cumpriu.
Rosa caiu em silêncio.
E August...
levou consigo aquele beijo
para além do que é visível,
para além do que pode ser tocado.
Porque há beijos que não acabam.
Eles ficam presos entre dois mundos ?
ardendo,
eternos,
impossíveis.
E aquele...
foi o último.
Mas nunca deixou de existir.

Cem Anos de Silêncio

Meu peito que chora
parece eterno ?
como se o tempo tivesse parado
em algum lugar que não sei voltar.
Há cem anos vago em pensamento,
atravessando memórias que não cessam,
como corredores vazios
onde teus passos ainda ecoam.
Rosas no chão...
espalhadas como promessas quebradas,
pétalas que um dia foram vivas
e hoje apenas lembram.
O vento toca meu rosto
como quem tenta consolar,
mas só encontra silêncio
onde antes havia voz.
Carrego teu nome em mim
como um suspiro que nunca termina,
um amor que não partiu ?
apenas se tornou distância.
E nesse vagar sem fim,
onde o tempo já não mede a dor,
meu peito continua a chorar
como se ainda fosse o primeiro adeus.
Porque há sentimentos
que não envelhecem ?
apenas aprendem a viver
como eternidade.

Maio de 1886.

A noite cai como um peso sobre o mundo, e nem as estrelas ousam aparecer. O céu está coberto por nuvens densas, como se também ele carregasse uma dor antiga ? a mesma que habita meu peito desde que você partiu.

Há um silêncio estranho no ar.

Nem mesmo os pássaros cantam agora. O vento passa, mas não traz alívio ? apenas espalha a ausência, como quem insiste em lembrar que você não está. Tudo parece suspenso, como se o tempo tivesse perdido o sentido naquela última despedida.

Meu amor... há uma tristeza que não se explica.

É como olhar para o céu esperando um sinal, e encontrar apenas o vazio encoberto. As estrelas, que antes testemunhavam nossos encontros, agora se escondem, como se não quisessem ver o que restou de mim sem você.

Em cada canto da noite, há um eco seu.

No frio que toca a pele, nas sombras que se alongam, na solidão que cresce enquanto as horas passam lentas. Maio trouxe o inverno para dentro do meu coração ? um inverno que não conhece fim, que não permite florescer nada além da saudade.

Se ao menos uma estrela surgisse...

Talvez eu acreditasse que ainda existe luz em algum lugar.

Mas o céu permanece fechado ? assim como você se tornou para mim.

E eu fico aqui, sob essa noite sem brilho,

amando em silêncio,

chorando por um amor que o tempo não levou ?

apenas me deixou para carregar sozinho.

Aves 1889

Aves riscam o céu à beira-mar,
livres como o tempo que não pede licença.
Um casal de idosos caminha lento,
mãos dadas como quem já venceu as horas.
E eu observo...
como se a vida passasse diante de mim
em silêncio,
como ondas que vêm e vão sem lembrar meu nome.
No espelho, porém,
não reconheço o agora ?
vejo a juventude intacta,
presa em algum verão que não terminou.
Eu não estou aqui.
Meu corpo se perde neste presente estranho,
mas minha alma...
minha alma repousa em 1889.
Lá, onde cartas eram eternas,
onde o amor tinha perfume de espera,
e os dias não corriam ?
apenas existiam.
As aves ainda voam,
o mar ainda canta,
e o casal segue seu caminho...
Mas eu,
eu caminho em outro tempo,
onde meu coração nunca aprendeu
a dizer adeus.

Rosas em Espinhos — Fronteiras do Oeste

No século passado,
quando o tempo ainda caminhava a cavalo
e o vento carregava cartas não ditas,
havia amor nas fronteiras do oeste.
A terra era áspera,
como mãos calejadas de despedida,
e o céu, imenso, guardava promessas
que nunca aprenderam a voltar.
Ela colhia rosas entre espinhos,
como quem insiste em amar
mesmo sabendo da dor escondida
em cada toque de pétala.
Ele partia ao amanhecer,
com o sol queimando nos olhos
e o coração preso
no silêncio do seu nome.
Entre poeira e saudade,
os dias eram longos demais,
e as noites, profundas
como segredos enterrados na alma.
Havia guerras que não estavam nos mapas,
mas dentro do peito,
onde o amor lutava
contra o destino já escrito.
E no último encontro,
à beira de uma estrada esquecida,
não houve promessas ?
apenas o peso do instante.
Seus lábios se tocaram
como quem sabe: é o fim.
Um beijo lento,
carregado de tudo o que não viveriam.
As rosas ficaram para trás,

presas nos espinhos do tempo,
guardando o perfume
de um amor que não sobreviveu à distância.
E o vento, até hoje,
quando passa pelas velhas fronteiras,
sussurra aquele último beijo
que nunca deixou de existir.

muralhas e distância

entre nós
erguem-se muralhas invisíveis
feitas de tempo, medo
e silêncios que nunca soubemos quebrar
e ainda assim
o oceano insiste
bate nas pedras com fúria e saudade
como se cada onda soubesse teu nome
e voltasse sempre...
mesmo sem resposta
te vejo no horizonte
onde o céu se curva cansado
e o mar guarda segredos
que nunca ousamos confessar
há uma cabana na floresta
escondida entre lembranças
onde o vento sussurra teu riso
e as folhas repetem
aquilo que fomos
ali, o tempo não corre
ele respira lento
como um suspiro guardado no peito
como um amor que não morreu
apenas se perdeu no caminho
e no silêncio...
ah, no silêncio
te sinto mais perto
como se a distância fosse apenas um engano
e nossas almas
ainda soubessem o caminho de volta

O mar adormecido em beijo

O mar e as rosas se encontram
no limite onde o mundo se desfaz,
ali onde o céu se inclina cansado
e o tempo já não corre ? apenas jaz.
As ondas, em silêncio profundo,
tocam pétalas perdidas no vento,
como se soubessem de cor
o peso antigo de um sentimento.
Se beijam ? sal e perfume ?
num gesto breve, quase eterno,
e a espuma leva embora os medos
como cartas lançadas ao inverno.
O mar, então, engole a dor,
guarda segredos em seu peito escuro,
e adormece em marés lentas
sonhando com um amor tão puro.
E as rosas, desfeitas em saudade,
ainda florescem no fim do mundo.